



José Cardoso Pires

A QUALQUER ESQUINA, O DIABO

Na sua agonia delirante, o barão Stoecklein praguejava contra os enviados do Diabo, que saqueavam as cidades da Baviera, disfarçados de cristãos correntes. Trancado no castelo com uma multidão de refugiados a tremarem de pavor, Stoecklein deitou fogo ao colchão e, assooprado pelas chamas, voou para longe daquele mundo dominado pela pilhagem e pelos assaltos à má-fila. Com um sinal da cruz em pose de iluminado, mandou à merda a humanidade assassina e levou com ele para o infinito os não se sabe quantos burgueses aterrori-

No ecrã da televisão, o grande repórter dos diabos urbanos parece desenterrado do submundo para trazer ao programa *Aqui e Agora* todas as monstruosidades do crime. Com voz soturna e dentes cerrados, adeja sobre as famílias das vítimas, não as interrogando, não as olhando sequer, mas descrevendo, directo ao espectador, a desgraça que as atingiu e a sordidez dos assassinos.

zados que o acompanhavam, deixando os saltadores do Diabo a pularem de despeito sobre as cinzas incandescentes. Bem feito.

A 200 anos de distância do barão em labaredas que fugiu ao Mafarrico, veio-nos a sociedade de violência implantada pelo desemprego, pela droga e pelos ardis sinistros que nos espreitam a cada esquina. Hoje o turismo das grandes cidades oferece-nos paisagens de cinco estrelas e, em extraprograma, surpresas de bolsa-ou-vida que, deixemo-nos de coisas, são o sal da aventura de quem gosta de contar.

No Brasil, por exemplo. No Brasil do terrorismo urbano, Rio e São Paulo são as capitais eleitas, já se sabe; mas a violência, com as suas armadilhas engenhosas, estende-se ao resto do país. Ainda há duas semanas, logo à chegada a Porto Alegre, Rio Grande do Sul, assisti a um assalto à casa ao lado daquela onde me recebiam uns amigos e devo dizer que decorreu com serenidade exemplar.

No fundo, o caso não foi novidade para aquele bairro residencial de portas e janelas gradeadas. O método é que sim. Três adolescentes, três, esperaram, emboscados, a chegada do carro do proprietário da vivenda e, logo que a porta da garagem se abriu por um comando electrónico accionado do interior, aproveitaram a entrada do veículo para penetrarem atrás dele na fortaleza doméstica. Armas apontadas, família contra a parede, furto selectivo — e ala que se faz tarde, desapareceram, utilizando o carro que lhes facilitara a invasão. Vinte minutos, se tanto.

Mas eis que, dias depois, me surge no ecrã da televisão o grande repórter destes e doutros diabos urbanos. É alguém que parece desenterrado do submundo para trazer ao programa *Aqui e Agora* da rede Manchete todas as monstruosidades do crime. Com voz soturna e dentes cerrados, adeja sobre as famílias das vítimas, não as interrogando, não as olhando sequer, mas descrevendo, directo ao espectador, a desgraça que as atingiu e a sordidez dos assassinos. Recorda e insiste nos pormenores mórbidos, e os infelizes que ele lamenta reduzem-se a confirmá-lo com lágrimas e com acenos.

Não é uma reportagem, é quase um exorcismo, aquilo. A oratória de um vampiro que esvoaça sobre a lembrança dos mortos.

(Nota à margem: Mais grave é que nem só de diabos marginais vive o crime. Agora mesmo, o ministro da Agricultura do Brasil, Nuri Andraus, acaba de confessar que assassinou um fazendeiro e promete renunciar ao cargo “caso o incidente venha a prejudicar a imagem do Governo”. Não veio, por enquanto.)

Ah, o terror de rua! Ah, os engenhos sinistros que espreitam a má ventura a qualquer esquina do mundo! Nas Américas. No Magrebe. Nas Euroásias. Aqui mesmo, porque não?

Há tempos, não em Porto Alegre nem no Rio, nem no Barrio Chino de Barcelona ou na Gran Via de Madrid, mas no Parque Eduardo VII de Lisboa, e em tarde de Feira do Livro, um homem assaltou outro com uma seringa cheia de sangue, na presença de dois ou três espectadores. A arma ali era a sida, e o rosto desesperado do assaltante bem o dizia.

Se aquele sangue de terror não passava de tinta vermelha era hipótese a não considerar na circunstância, e o cidadão ameaçado entregou prontamente a carteira que o outro lhe exigira em voz quase confidencial. Prudentemente à distância, as testemunhas de ocasião olhavam a abordagem com pavor. Quando o homem se afastou (sempre de seringa na mão como um aviso impiedoso), ficaram-se a segui-lo de longe até o perderem na multidão que abandonava o parque e se dispersava pela cidade.

Talvez este desesperado venha a enfrentar um dia um homem que, em resposta, puxe também de uma seringa vermelha, pensei eu depois; e talvez então ele deixe cair prontamente a sua e entregue a carteira que essoutro lhe exigir na tal voz secreta e confidencial. ●